



OS IRMÃOS KARAMÁZOV

Fiódor M. Dostoiévski

Tradução de Paulo Bezerra.

São Paulo, Editora 34, 2008. 2 vols.

O leitor brasileiro pode, enfim, ter acesso ao último romance de Dostoiévski a partir de uma refinada tradução direta do russo. Como é amplamente sabido, trata-se de um texto de complexidade ímpar, com reverberações múltiplas na ficção e no pensamento do século vinte. No breve espaço de uma resenha, creio que será mais útil apontar o significado da publicação da obra no contexto da recepção atual da literatura russa no Brasil (e na América Latina), do que esboçar um caminho de interpretação para um texto a partir do qual bibliotecas inteiras já foram escritas e existências, remodeladas.

O livro, devido a sua magnitude estética e ao seu papel decisivo na trajetória de Dostoiévski, marca o ponto culminante de um fenômeno que vem se desenhando desde o início desta década: o enorme interesse brasileiro pela literatura russa. Tal interesse materializou-se em inúmeros colóquios e congressos, na publicação de revistas e estudos críticos, no crescimento do curso de russo de Univer-

sidade de São Paulo, e, sobretudo, na intensa atividade de tradução de escritores russos e soviéticos. Tomando como ponto de partida a edição de *Crime e castigo*, em 2001, transformada em um quase *best-seller*, o mercado editorial brasileiro viu surgirem novas traduções dos grandes romances *O idiota* (2002) e *Os demônios* (2004), de outras novelas e contos de Dostoiévski, e de quantidades expressivas de obras de Tolstói (com destaque para o surgimento de *Ana Kariênina*), Púchkin, Turguêniev, Bábel, Tchekhov, Maiakóvski, Mandelstam, Gógol, Gorki, Tzvetáieva, Sologub, Tyniânov e Kuprin. Além das novas traduções, edições mais antigas ressurgiram revisadas. Ressaltem-se as de autoria de Boris Schnaiderman (é o caso, para ficar somente em Dostoiévski, de *Memórias do subsolo*, *O crocodilo*, *Notas de inverno sobre impressões de verão*, *Um jogador* e *Niétotchka Niezvânova*). O que essas edições têm em comum é o fato de serem feitas a partir do idioma original, acompanhadas de aparato crítico cuidadoso e projeto gráfico elaborado. Na presente edição de *Os irmãos Karamázov*, estes ficam a cargo do tradutor Paulo Bezerra e do artista Ulysses Bôscolo, respectivamente.

Todos os indícios apontam para um momento diferenciado, e não apenas no ritmo de publicação e na qualidade das traduções.

Embora a recepção da literatura russa tenha sido constante no Brasil desde o fim do século dezenove, podemos identificar pelo menos quatro momentos de intensificação do interesse do público leitor. O primeiro deles estava estreitamente ligado ao *boom* do romance russo deflagrado a partir de Paris – um fenômeno bastante estudado em suas linhas gerais pela bibliografia comparatista. Era grande a dependência do crivo de ensaístas como Melchior de Vogüé e das traduções e adaptações feitas pelas editoras francesas. Nesse momento, praticamente não havia traduções brasileiras de autores russos, lidos no formato dos indefectíveis *Souvenirs de la maison des morts*, *Les frères Karamazov*, *L'esprit souterrain*. Poucas exceções avultam aqui e ali, como o arqui-polêmico *Sonata a Kreuzer*, de Tolstói, que foi publicado pela importante casa Garnier em 1895. É importante ressaltar que, mesmo com limitações evidentes, decorrentes em grande medida das lacunas no material traduzido, os primeiros leitores chegaram a conclusões importantes e manifestaram uma inquietação muito produtiva, que se espalhou pela crítica e pela ficção do período. O segundo momento de inflexão na recepção foi o que o crítico paulista Brito Broca chamou de “febre de eslavismo” dos anos 1930. Naquele decênio inflamado politicamente, traduziu-se de tudo, e quase sempre de modo umbilicalmente associado às repercussões da revolução de 1917. O terceiro momento veio em fins da década de 1960, quando, em meio aos piores anos do regime militar brasileiro, surgiram trabalhos marcados por um profissionalismo acentuado, dentre os quais se destaca a excelente coletânea *Poesia russa moderna*. Preparada a seis mãos por Boris Schnaiderman e pelos poetas concretistas Haroldo de Campos e Augusto de Campos, o livro articulou universidade e arte de vanguarda, e obteve para a poesia de, entre outros, Khlébnikov,

Krutchônikh e Blok, resultados tradutórios raras vezes alcançados em qualquer idioma. O quarto momento relevante é o atual, em que o profissionalismo esporadicamente proposto nas décadas anteriores parece ter se convertido em praxe. Leitores e críticos brasileiros têm manifestado graus de exigência maiores e não se satisfazem mais com traduções indiretas e edições improvisadas.

À diferença dos momentos anteriores, este último desconsidera inteiramente o referencial político como fator de atração dos escritores russos. No fim do século dezenove, embora aspectos estético-literários fossem predominantes no processo de recepção, havia o problema do “niilismo” russo palpitando nas entrelinhas – para não falar da mística associada à famigerada “alma russa”, clichê cultural que transformou a Rússia em um mistério a ser desvendado. Depois de 1917, produção e circulação de material ligado à literatura russa estavam quase sempre impregnados por um interesse (ou por uma repulsa), explícitos em maior ou menor grau, pelo experimento soviético. A leva atual de publicações está desvinculada das abordagens partidárias e engajada, ou mesmo de grandes esquemas de interpretação do mundo contemporâneo. É de se supor que a ficção e a filosofia brasileiras sejam, nesse registro atual, fecundadas de modos variados e inesperados.

A nova edição de *Os irmãos Karamázov* é uma etapa decisiva desse processo de amadurecimento. Dentre os grandes romances dostoiévskianos, aquele foi o texto mais mutilado nas primeiras edições francesas, e jamais recebera tratamento editorial e crítico à altura no Brasil. O mais próximo que chegou disso, em relação ao primeiro quesito, foi a bem-intencionada tradução indireta produzida pela romancista Rachel de Queiroz para a importante coleção de Obras Completas de Dostoiévski lançada pela editoria

José Olympio, um empreendimento editorial crucial que se estendeu dos anos 1940 aos 1960, e que trazia, para os *Karamázovi*, belas ilustrações feitas pelo artista Axel de Leskoschek. Na mesma época circulou um volume da casa Vecchi traduzido pelo jovem Boris Schnaiderman com o pseudônimo de Boris Solomonov – uma tentativa hoje renegada pelo tradutor. A crítica, por sua vez, foi tímida diante do caráter vertiginoso do texto. Em geral, comentou o romance de passagem, em meio a apreciações mais gerais (e grandiloqüentes) da obra dostoiévskiana. Foi o caso de Araripe Jr., em fins do século dezenove, que, dissertando sobre o trágico, bombasticamente perguntava: “Que é Oreste comparado a Karamázov”? Artigos mais específicos, como a resenha escrita por Eloi Pontes, em 1944, esforçavam-se por apontar direções, mas mantinham-se presos à velha chave de leitura, tradicional no contexto brasileiro, da nevrose e da epilepsia, além de relacionarem de forma muito mecânica a obra e a biografia do escritor. Críticos de matriz católico-espiritualista, como Hamilton Nogueira, autor do primeiro livro publicado sobre Dostoié-

vski no Brasil, em 1935, utilizavam temas berdiaievianos para lidar com as andanças de Dmitri e Aliócha Karamázov. Espremidos entre uma leitura partidária, impressionismos simbolistas e referenciais médico-jurídicos, os críticos não sabiam como explorar os veios ficcionais do romance. Uma entrada mais aprofundada, mas quase solitária, foi esboçada pelo intelectual austríaco Otto Maria Carpeaux, que, emigrado para o Brasil, produziu uma apreciação respeitável no prefácio à supracitada edição da José Olympio e em alguns ensaios. A nova tradução deixa, portanto, a expectativa de que o panorama da crítica passe, a curto prazo, por mudanças substanciais, e que os estudos universitários de eslavística ganhem fôlego ao confrontarem a obra que conclui o percurso do escritor russo. Um acontecimento cultural digno de ser saudado.

BRUNO B. GOMIDE
Universidade de São Paulo